

A EDUCAÇÃO HUMANIZADORA E OS DESAFIOS POSTOS À FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Juliana Goelzer*

Resumo: Neste artigo apresentaremos reflexões realizadas ao longo da Pesquisa de Mestrado intitulada “O diálogo e a afetividade no contexto da Educação Infantil: as ‘pessoas grandes’ dizendo a sua palavra”, a qual definia enquanto um de seus objetivos contribuir com os processos de formação de professores, de modo que o pedagogo seja formado reconhecendo a complexidade do ato educativo e as diferentes relações que se estabelecem nesse contexto educativo. A pesquisa foi realizada na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo, localizada no campus da Universidade Federal de Santa Maria. Na pesquisa, aponta-se a educação humanizadora como base no processo educativo das crianças pequenas. Como metodologia da pesquisa, foi proposto um diálogo, através de cartas, com todas as “pessoas grandes” que atuam nessa Unidade, e as escritas das cartas foram interpretadas a partir de uma análise hermenêutica. Neste artigo, apresentaremos algumas das reflexões realizadas acerca dos processos de formação de professores para a educação infantil, durante os quais, ao mesmo tempo em que os participantes apontam para a importância do contexto de atuação para a articulação teoria e prática, salientam também muitos desafios postos para a formação de professores, dentre os quais destaca-se a educação humanizadora.

Palavras-chave: Educação Infantil. Educação Humanizadora. Formação de Professores.

1 Educação infantil: espaço fundamental de humanização

Atuar na primeira etapa da educação básica, junto às crianças de 0 a 6 anos, é um desafio constante, pelo menos para aqueles professores que se preocupam em oferecer uma educação de qualidade para elas. Em grande parte, isso justifica-se pelo fato de que a educação infantil, enquanto primeira etapa da educação básica (BRASIL, 1996), e anterior a isso, enquanto um direito da criança (BRASIL, 1988), é uma conquista muito recente, sendo assim, bastante nova no cenário educacional brasileiro.

* Pedagoga, Especialista em Gestão Educacional e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo (UEIIA/UFSM). E-mail: julianagoelzer@yahoo.com.br

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009), documento orientador das práticas pedagógicas para a educação infantil, assim definem a criança:

Sujeito histórico e de direitos que, *nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia*, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (grifos nossos).

Considerando a criança como tal, não há como desenvolver um trabalho sem levar em conta que o trabalho com as crianças pequenas¹ requer muita sensibilidade, ética, respeito e compromisso para com suas especificidades, pois compreendemos que as vivências das crianças pequenas dentro da escola são fundamentais em sua constituição enquanto gente (FREIRE, 2005). Craidy e Kaercher (2001, p. 19) destacam que “[...] a educação é o processo pelo qual nos tornamos o que somos, a educação constitui os indivíduos de uma determinada maneira, portanto, importa muito neste processo aquilo que é ensinado na escola de Educação Infantil”.

A educação humanizadora é a base de todo o trabalho que realizamos na educação infantil, pois é neste espaço, convivendo com seus pares e com adultos, que as crianças aprendem valores fundamentais para a prática da vida em sociedade, dentre eles a convivência, a solidariedade, o respeito, o amor, a tolerância.

Aprender a conviver provavelmente seja o maior desafio que as crianças enfrentam, pois o espaço da escola é, geralmente, o primeiro espaço de vida coletiva que elas encontram fora de casa. Por isso, e considerando que elas aprendem em todos os espaços da escola, é fundamental que todas as “pessoas grandes” (SAINT EXUPÉRY, 2009)² da escola estejam implicadas neste processo educativo.

Os professores, sim, os professores são os maiores responsáveis pela educação das crianças, uma vez que eles conhecem seu processo de desenvolvimento, sabem de que elas necessitam, e por isso planejam ações com intencionalidade para potencializar o desenvolvimento de suas com, mais com e mais com linguagens (EDWARDS, 1999). Contudo, não somente os professores atuam junto às crianças, mas muitas outras pessoas que circulam por diferentes setores da escola. A criança interage, na escola, tanto com outras

¹ Ao longo do texto, irei me referir a criança pequena como a criança de 0 a 6 anos de idade.

² Ao longo da pesquisa, utilizei este termo para me referir a todas as pessoas adultas que atuam na Unidade, por apreço ao livro “O Pequeno Príncipe” de Saint Exupéry (2009).

crianças quanto com os adultos, e dentre esses adultos, estão aqueles que são responsáveis pelo planejamento e realização das atividades realizadas com as crianças, pela organização da escola, pela recepção, pela limpeza, pelas refeições, pela manutenção do espaço externo... Enfim, são muitos adultos com responsabilidades diversas na escola, mas tais responsabilidades convergem – ou deveriam - no foco central que é o processo de educação da criança.

2 Um diálogo proposto

Portanto, partindo da certeza da importância “[...] das relações, interações e práticas cotidianas que a criança vivencia [...]” (BRASIL, 2009) no processo de construção de sua identidade pessoal e coletiva, pensamos nessa pesquisa, que teve como um de seus objetivos dialogar sobre o processo de formação dos professores da instituição, com o olhar voltado à importância de dimensões essenciais à humanização, como a afetividade e a dialogicidade.

Nesse aspecto, o objetivo esteve centrado em contribuir com os processos de formação de professores, de modo que o pedagogo seja formado reconhecendo a complexidade do ato educativo e as diferentes relações que se estabelecem nesse contexto educativo.

O espaço escolhido para a realização desta pesquisa foi a Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo, situada na Universidade Federal de Santa Maria, onde a autora da pesquisa atuava na época e ainda atua. O fato da pesquisadora atuar nesta Unidade e também por esta escola estar situada dentro de um contexto universitário, e por isso mesmo constituir-se em um espaço formativo para todos aqueles que de alguma forma estão envolvidos com a área da educação, nos levou a entender que este seria um importante espaço para a realização dessa pesquisa.

A pesquisa teve uma abordagem qualitativa (FLICK, 2009), uma vez que esta nos permite envolver significados, opiniões, fatos, todos permeados pelas relações entre pessoas, sujeitos inseridos em um contexto social. Também foi definida como pesquisa participante, pois seria preciso que cada um olhasse para a sua realidade, de modo que a partir desta percepção apontasse problemas, caminhos que pensasse ser importantes de serem percorridos pelo grupo. Boterf (1999, p. 57-58), destaca que “uma das principais características da pesquisa participante é que ela parte dos problemas colocados pelos pesquisados, problemas que eles estão dispostos a estudar. Ela parte do mundo cotidiano do povo e escuta sua voz”.

Para dialogar com os adultos da instituição, propomos a utilização de cartas, as quais, ao longo da pesquisa, foram enviadas pela pesquisadora ao endereço dos participantes, os quais responderam também em forma de cartas; estas, porém, poderiam ser colocadas em caixinhas que a pesquisadora colocou à disposição na Unidade, ou serem enviadas ao endereço da pesquisadora. A respeito da escolha das cartas pedagógicas, buscamos embasamento nos escritos de Camini (2012), a qual destaca que as cartas pedagógicas são um importante recurso didático para educar a sensibilidade humana.

Para realizar a análise da escrita dessas cartas, utilizamos a hermenêutica (RICOUER, 1976), pois acreditamos que elas só poderiam ser analisadas tomando-se como foco o contexto, a realidade concreta dessas pessoas. Buscamos não apenas ouvir ou ler o que cada um tinha a nos dizer, mas nos interessava compreender esta sua forma de olhar. As suas vivências e experiências são, para cada pessoa, seu horizonte de compreensão.

Inicialmente a pesquisa foi apresentada a todas as “pessoas grandes” que atuam na escola e todos foram convidados a participar; aqueles que tinham interesse passaram o seu endereço à pesquisadora, que a cada semana enviava e recebia as cartas. Neste artigo, a centralidade da discussão estará no diálogo realizado acerca da importância dos processos de formação de professores para a educação infantil.

3 O diálogo com as “pessoas grandes” sobre formação de professores

Entre uma carta e outra, o assunto da formação permeava muitos dos diálogos realizados entre as diferentes “pessoas grandes”. Em uma das cartas especificamente, propomos um diálogo mais centrado nessa questão, carta esta direcionada aos professores em formação inicial e continuada da escola. Contudo, as escritas destes profissionais em muitos momentos puderam ser relacionadas com escritas de adultos não professores, e que também muito tinham a nos dizer sobre a importância da formação.

Em primeiro lugar, é importante salientar o lugar de destaque que cada um dos professores, estagiários e bolsistas, deu à Unidade em seu processo formativo. Em muitos momentos destacaram a importância de nesse espaço conseguirem realizar o entrelaçamento entre teoria e prática, ao mesmo tempo em que apontam que neste espaço, de fato, estão constituindo-se docentes da Educação Infantil. Borboleta (professora estagiária) destacou que:

“[...] meu trabalho na Ipê, que caracteriza-se como inserção de estágio, está sendo para mim uma experiência muito significativa,

com a qual eu pude confrontar os conhecimentos teóricos construídos na academia com a prática. Quanta coisa fascinante no mundo infantil! Quanta descoberta! Quantas aprendizagens com as crianças!”

Contudo, as principais questões que nortearam os diálogos revelaram os desafios que o grupo compreende enquanto latentes nos processos de formação de professores. Um desses desafios, que foi comentado por grande parte dos profissionais em formação inicial e continuada, refere-se à necessidade de que ao longo do Curso de Pedagogia sejam proporcionados mais momentos de atuação junto às crianças no contexto das escolas, para que assim os futuros pedagogos compreendam quem são as crianças e as infâncias presentes nos diferentes contextos.

De fato, Kramer (2006) aponta que, de fato, muitos pedagogos circulam pelas universidades sem saber como lidar com crianças, uma vez que a educação infantil, conforme já comentado, é relativamente nova em nosso cenário educacional. Contudo, para que essa inserção ocorra de modo qualificado, também é importante que o currículo dos Cursos de Pedagogia estejam mais voltados aos conhecimentos sobre a criança pequena, uma vez que algumas pesquisas revelam (KIEHN, 2012) que nos currículos dos cursos de formação de professores, em muitas universidades, menos de 10% das disciplinas são específicas para a etapa da Educação Infantil.

O fato é que também nas legislações, para além dos currículos dos Cursos de Pedagogia, muito embora haja questões extremamente relevantes, em muitas delas não se vê questões fundamentais como, por exemplo, a estética da sensibilidade, o conhecimento sobre o desenvolvimento da criança, sobre o seu processo de humanização, as diferentes concepções de infância e criança dependendo do seu contexto cultural...

Brilhante (equipe de coordenação e direção) é uma das participantes que revela em muitas escritas os limites de sua formação:

“Diante de tudo o que viemos conversando no decorrer das cartas, vejo que os limites da minha formação estão relacionados a carência de uma formação para a Educação Infantil e uma formação mais humana, que acredite no potencial de cada um, por outro lado, como os nossos professores da graduação irão atuar assim se os seus processos formativos também não tiveram estes princípios? Seria muito cômodo pensar isso como um ciclo que se repete, mas temos condições de romper com isso e esta é uma das principais possibilidades para o processo de formação tanto inicial como continuada.”

Neste relato, Brilhante não olha apenas para os limites de sua formação, mas olha também para os limites da formação dos professores que teve na graduação. E essa foi outra questão bastante discutida pelos participantes, que em certos momentos pontuaram que as dimensões humanizadoras do diálogo e da afetividade também não são presentes nas relações entre professores e acadêmicos de cursos superiores.

É certo que nós professores levamos para a nossa prática o que aprendemos em nossos cursos, além de levarmos muito de nossos professores. Não obstante, se acreditamos na importância da formação permanente, esse é realmente um ciclo que pode ser rompido, pois hoje temos a possibilidade de olhar para a nossa formação de maneira crítica, buscando correr atrás daquilo que nos fez/faz falta. Este é certamente um ponto frágil que diz respeito aos professores responsáveis por esse processo formativo dentro do curso superior.

Após uma reflexão bastante profunda acerca do que deve ser ensinado/aprendido na Educação Infantil e da importância de que todos na escola assumam, de modo dialógico e afetivo, as funções social, política e pedagógica dessa etapa, Brilhante aponta que:

“Assim, percebo que a formação de professores precisa avançar no que se refere aos aspectos expostos acima, eles nos falam que devemos ser críticos, abertos para o diálogo, afetivos, mas a maioria deles não age assim conosco enquanto acadêmicos, nem mesmo no curso de pós graduação, em alguns casos, tínhamos espaço para o diálogo...”

Entendo que diálogo e afetividade no processo formativo está relacionado, principalmente, com respeito ao outro, respeito aos saberes e aos tempos de cada um. Não posso negar que durante o meu curso tive alguns professores que trabalhavam de um modo diferente e eu demorei para entender isso... pois deveras não estava acostumada a práticas nas quais havia espaço para opinarmos ou até mesmo para conversar sobre algo que nos inquietava.”

Nesse sentido, nos questionamos: como é possível ensinar aos futuros professores a importância de tais dimensões e, ao mesmo tempo, os próprios professores agirem de forma totalmente diferente? Isto revela que há muita incoerência entre o dito e o feito, isso revela que não há a *corporeificação das palavras pelo exemplo* (FREIRE, 2005) nos próprios cursos de graduação e pós-graduação...

Dessa forma, as participantes pontuaram a importância de que se discutam e se vivenciem essas dimensões no curso de formação para que se abra o debate para a importância de todas essas relações que permeiam todo o espaço da escola.

A importância das vivências dos acadêmicos dentro da escola, são relatadas nos escritos de muitos professores bolsistas, como no caso de Sofia (professora bolsista), que narra sua trajetória na Unidade:

“A Unidade Ipê Amarelo é um espaço diferenciado em todos os aspectos, pois lá aprendi que a criança deve ser o centro de toda e qualquer ação, e que nós adultos devemos respeitá-la em suas singularidades e formas de ser, estar e pensar. No início era tudo novidade para mim, uma turma com crianças com diferentes idades em uma mesma sala, pensar em propostas que contemplassem a todos, planejamentos, cadernos de registros, portfólios, etc, são conceitos que conheci lá dentro e que me fizeram enxergar a teoria na prática. Além disso, a estrutura funcional da Unidade e a visão da escola me ensinaram coisas que levo comigo pro resto da minha vida, e que aonde eu estiver irão fazer a diferença [...]”

Por isso, destacamos aqui o quanto essa inserção dos acadêmicos em instituições de Educação Infantil ao longo do Curso de Pedagogia é fundamental para a qualificação de seu processo formativo. Contudo, é preciso que também as instituições se responsabilizem com esse processo formativo dos acadêmicos, o que requer possibilitar-lhes construir seu conhecimento de forma significativa, ou seja, atuando junto a profissionais qualificados, com formação em Pedagogia, e dando-lhes oportunidade de vivenciar todos os processos indispensáveis à prática educativa, que não se faz apenas em sala com as crianças, mas em outros espaços e tempos, para elas: momentos de planejamentos, registros, formações, avaliações... A importância dessa inserção também foi destacada por Borboleta Transparente (professora bolsista): *“Acredito e defendo muito a ideia de que é, sim, importante esse contato em sala de aula enquanto estamos fazendo a graduação ao invés de nos depararmos com as crianças somente no estágio. Aprendemos muito com eles [...]”*

Nesta perspectiva, Arroyo (2004) desafia para que o espaço da escola seja menos desumanizador do que a rua. Para isso, precisamos olhar de modo sensível para a formação; olhar para a formação de todos aqueles que atuam diretamente nesse espaço de educação infantil, pois somos “modelos”, as crianças nos tomam como referência; e será que, diante disto, estamos nos comprometendo com elas da maneira que elas necessitam?

Borboleta (professora estagiária) destaca bem esta relação:

“[...] considero a docência uma das mais importantes profissões da sociedade atual, mesmo que a desvalorização e o descrédito em relação a escola e a educação estejam tão em voga. [...] a educação infantil é uma das etapas que considero mais importantes em todo o desenvolvimento da criança, tendo em vista que constitui-se como a porta de entrada para um mundo além do aconchego de sua casa, de sua família. Assim, o professor precisa ter consciência que suas atitudes para com as crianças marcam, sobremaneira, seu modo de ser e estar na escola. [...] acredito que o trabalho do professor de educação infantil marca uma etapa do desenvolvimento infantil que deixa marcas para o resto da vida escolar da criança da/na escola.”

Diante de tal responsabilidade e compromisso do professor de Educação Infantil, será que seu processo de formação está tendo a atenção que merece e necessita na busca de uma infância com qualidade?

Mas destacamos que o processo de formação é um processo permanente, pois somos seres inacabados, em constante processo aprendente (GADOTTI, 2005). Reconhecendo-se a educação enquanto um processo inacabado e permanente, primeiro porque nós somos seres inacabados, em constante busca de *ser mais*, reconhecemos a importância de processo de formação inicial e permanente do professor. Este profissional, no seu cotidiano, deve colocar-se como aprendente; isto exige dele uma atitude contínua de aperfeiçoamento e reflexão, reconhecendo a dimensão de incompletude que perpassa a profissão docente. Sendo assim, a consciência do seu inacabamento (FREIRE, 1989) é um dos saberes mais importantes do educador, pois este precisa estar sempre aberto a novas descobertas e aprendizagens, conforme as experiências que forem sendo vivenciadas.

Em sua *Pedagogia da Autonomia* (2005), entre outras obras, Freire lembra o quanto vamos nos constituindo a cada experiência, a cada vivência. Passamos por muitos processos de formação ao longo da nossa vida, e nesses processos precisamos estar abertos a aprender com o outro, mas não apenas com o outro que também é professor, mas com o outro que tem algo a nos dizer; para isso precisamos oportunizar que todos digam a sua palavra.

Nesse sentido, as participantes da pesquisa atuantes no grupo de coordenação da escola, revelaram também o quanto compreendem, a cada dia, a importância da escuta e da valorização de todas as pessoas que atuam na escola. Rosana (equipe de coordenação e direção), em uma de suas cartas, tocou exatamente nessa questão:

“[...] penso que precisamos nos abrir cada vez mais para escutar, para entender que as pessoas com as quais convivemos possuem trajetórias e experiências de vida distintas e podem nos ensinar muitas coisas... Tais aprendizagens vão desde uma receita, uma música, uma brincadeira, um “ditado popular”, uma história, enfim, como diz a música dos Titãs, “cada um sabe a alegria e a dor que traz no coração”. Entretanto, precisamos aprender a compartilhar, uma palavra tão em voga com o advento da internet, mas que ainda precisa ser compreendida na prática pelas pessoas em suas interações cotidianas, principalmente nos espaços coletivos.”

Pensar a partir desse dinamismo requer que os professores criem e recriem suas práticas, inovem, (re)pensem, de forma dialógica, afetiva e reflexiva sobre as melhores condições de propiciar o desenvolvimento, a aprendizagem, as vivências da criança no espaço da Educação Infantil:

Nessa perspectiva, conhecer as condições adequadas para a aprendizagem é condição necessária – ainda que não suficiente – para a organização intencional das condições materiais de vida e educação que permitam a apropriação das máximas qualidades humanas por cada criança na Educação Infantil. Isso envolve a formação dos professores e professoras da infância como intelectuais capazes de, ao compreender o papel essencial do processo educativo no processo de humanização, buscar compreender o processo de aprendizagem para organizar vivências na Educação Infantil que sejam intencionalmente provocadoras da aprendizagem e do desenvolvimento das crianças pequenas: uma educação e um ensino desenvolventes (DAVIDOV, 1988 apud MELLO, 2007, p.89).

O contexto da formação, desde a inicial, deve mostrar a esse professor, ao menos minimamente, a complexidade do ato e do espaço educativo. Responsabilizar-nos pela infância, pela educação das crianças, significa nos responsabilizar também por este espaço que se faz educador e humanizador. A formação permanente deste deve envolver o conjunto de necessidades e de questionamentos que ele se faz cotidianamente, mas deve lhe mostrar o quanto a educação é enquanto espaço de humanização.

Faz parte da nossa responsabilidade chamar todas as pessoas que atuam nesse contexto da Educação Infantil, sejam professores, colaboradores, servidores, professores bolsistas, equipe de coordenação e direção, bolsistas, todos, para uma formação permanente que vise *falar com* essas pessoas sobre a importância de cada um na educação das crianças pequenas. Todos somos gestores da escola, todos somos responsáveis, cada um na sua medida,

pela educação dessas crianças, e é por isso que o envolvimento de todos em processos de formação permanente é fundamental, conforme reconhece Sol (servidora):

“[...] nós, ‘pessoas grandes’, que trabalhamos em escola de educação infantil devemos em vários momentos resgatar essa criança dentro de nós, mas com olhar de um adulto, com formação, consciente em saber como auxiliar essas ‘pessoas pequenas’ em serem mais preparadas para o mundo que as espera.”

Sol, quando se refere a “nós, pessoas grandes”, chama a atenção justamente para o envolvimento de todos nesse processo. Juntos devemos constituir uma rede formativa de modo que cada um esteja de fato “consciente” de como deve atuar junto à criança pequena. E aqui cabe novamente lembrar que não estamos dizendo que qualquer um pode desempenhar qualquer função, que todos têm a mesma responsabilidade. Não. Estamos defendendo que cada um exerça sua função, seja a de professor, de recepcionista, de faxineiro, diretor, cozinheiro, tendo clareza do que constitui a sua função, do lugar que ocupa na instituição, mas de que, ao mesmo tempo, essa função, seja ela qual for, tem relação com a educação das crianças; do mesmo modo, que todas as interações estabelecidas nesse espaço entre adulto-criança e adulto-adulto não são neutras, pois influenciam na educação das crianças, servindo como inspiração para as relações que as crianças virão estabelecer.

Ter clareza do lugar que cada pessoa ocupa dentro da Unidade é fundamental; o professor referência, não é chamado de “professor referência” por acaso. Ele é o maior responsável pela educação da criança, pois é responsável pela organização e desenvolvimento de todas as práticas pedagógicas realizadas com as crianças. Ele é a referência primeira da criança.

Se de fato consideramos que todos são importantes nesse espaço, devemos considerar também a importância de possibilitar a vivência de processos formativos com todos. Um dos relatos de Mel (professora bolsista) vem ao encontro dessa questão no momento em que ela comenta que já trabalhou em duas instituições de Educação Infantil e percebe as diferenças entre elas; destacou a importância do olhar sobre os profissionais, e ao mesmo tempo, demonstrou que ela, professora em processo de formação inicial, no sexto semestre do curso, já compreende a importância dos espaços para a reflexão crítica sobre a prática, compreensão esta construída provavelmente a partir de sua inserção nesse contexto prático:

“Percebo muitas diferenças entre as duas instituições que me envolvi, dentre elas, o ponto de vista em relação à criança. Na primeira que era uma EMEI, tinha-se uma preocupação grande com o bem estar da criança, talvez até igual ao da Ipê, mas não se tinha tempo para o professor planejar, para refletir sobre a prática. [...] Na Ipê, eu percebo que a criança é sim o foco, e a maior prova disso é a preocupação com os profissionais que trabalham lá. A formação continuada, a assistência que é dada para os planejamentos, a preocupação com os outros setores, como a cozinha por exemplo, faz claro que nesse espaço a criança está no centro. E ela estar ocupando o foco, o objetivo maior demonstra que tem muita importância toda essa estrutura para a sua vida. É nesse primeiro contato com o mundo fora de casa, que a criança vai construir suas primeiras visões do mundo, de sociedade. E não só das amigadas, de coisas boas, também das não tão legais assim, como por exemplo, as brigas. Se colocar no lugar do outro, aprender a respeitar, a saber que tem que esperar, porque a gente não vive sozinho e aprender a conviver, a dividir, faz parte da nossa vida.”

É muito importante aqui salientar que a formação é um desejo compartilhado por todos os segmentos. JFB (colaboradora – setor de limpeza), por exemplo, manifestou claramente este desejo quando disse: *“Espero que nesse novo ano a Ipê venha crescer e dar oportunidades a novas crianças. E que esse espaço com crianças e adultos venha crescer mais e mais, mas crescer não só dando a nós oportunidades de trabalho, mas sim de aprendizado.”*

Diante desses desafios, ao olhar para o papel formativo do pedagogo dentro da instituição, trazemos as palavras de Formosinho (2011, p.170 apud Machado, 2011) a qual aponta, no sentido do que vimos colocando enquanto fundamental no processo de formação, um dilema:

Há, pois, um dilema na formação das educadoras de infância (e na formação de professores do ensino fundamental) que é também um dilema da universidade no mundo atual – ser capaz, ao mesmo tempo, de produzir conhecimento e incentivar a reflexão crítica e de promover as dimensões formativas de sua missão. Só integrando estas diferentes capacidades a universidade será capaz de dar o seu insubstituível contributo à formação dos agentes de desenvolvimento humano de uma sociedade.

Realmente o professor está desafiado a, primeiro, reconhecer-se enquanto agente de desenvolvimento humano da sociedade, afinal, este é o seu papel. Esse desenvolvimento humano da sociedade requer que na educação infantil a criança se desenvolva em suas máximas qualidades humanas. Ademais, além das crianças, os adultos também precisam

desse desenvolvimento; afinal, estão em processo constante de humanização, e humanizar requer permitir que cada um olhe, ouça, questione, modifique o mundo de forma dialógica, afetiva, reflexiva.

4 Porque diálogos não acabam, apenas são interrompidos

Nessa pesquisa, ao dialogar sobre a questão da formação dos professores, muito aprendeu-se com todas as “pessoas grandes” que participaram desse diálogo. Podemos concluir, a partir de tais diálogo apresentados, que todas as professoras referência e professoras bolsistas afirmaram que a Unidade vem sendo um espaço fundamental para o entrelaçamento entre teoria e prática, demonstrando que neste espaço estão se constituindo docentes da Educação Infantil. Ao mesmo tempo, as pessoas do grupo de coordenação e direção apontam para as aprendizagens que estão tendo neste espaço em relação à importância da escuta e da valorização de todas as pessoas que atuam neste contexto.

Muitos desafios foram destacados em meio a esse diálogo: que ao longo do Curso de Pedagogia sejam proporcionados mais momentos de atuação junto às crianças no contexto das escolas, que haja mais coerência nas práticas dos professores de graduação e pós-graduação, de modo que suas relações com os estudantes também sejam dialógicas e afetivas; que nos cursos de formação se discuta acerca dessas relações presentes na escola, que perpassam o contexto da sala de aula; que se fale mais sobre a criança pequena nos cursos de formação, uma vez que ainda há uma carência muito grande nos estudos acerca dessa etapa.

Nesse sentido, destacamos a importância da aproximação e parceria entre universidade e escolas, de modo a incentivar e oportunizar aos acadêmicos e professores que já estão nas escolas, diferentes espaços de formação – ensino, pesquisa e extensão – contribuindo com a formação de profissionais comprometidos em fazer do espaço da Educação Infantil um espaço qualificado para a melhor educação das crianças. Esse fortalecimento entre universidade e escolas é o que enriquece as práticas de gestão e permite que o pedagogo reconheça que a educação das crianças não se faz apenas na sala com o professor, mas que essa se faz em todo o contexto da escola, com todas as “pessoas grandes” que dela fazem parte, que se comprometem com esse processo de educação que é humanizador.

Referências

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. 7. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

BOTERF, G. L. Pesquisa Participante: propostas e reflexões metodológicas. In: BRANDÃO, C. R. (Org) **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988. Lei Federal de 05 de Outubro de 1988.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Brasília, DF: Senado, Lei Federal nº 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara da Educação Básica. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Parecer CNE/CEB Nº 20/2009. Brasília: DF, 2009.

CAMINI, Isabela. **Cartas Pedagógicas: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam**. São Paulo: Outras expressões, 2012.

CRAIDY, Carmen; KAERCHER, Gládis E. **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

FORMOSINHO, João. A universidade e a formação de educadores de infância: potencialidades e dilemas. In: MACHADO, M. L. de A. (Org.) **Encontros e desencontros em Educação Infantil**. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Tradução: Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005. (Coleção Leitura)

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. Série Práticas Educativas. Curitiba: Positivo, 2005.

KRAMER, S. **As crianças de 0 a 6 anos nas políticas educacionais no Brasil: educação infantil e é fundamental**. Educação & Sociedade, vol. 27, núm. 96, outubro, 2006, pp. 797-818.

KIEHN, Moema de Albuquerque. **Educação da pequena infância: um olhar sobre a formação docente**. Disponível em: <www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT07-5711>. Acesso em 20 dez. 2012.

MELLO, Suely Amaral. **Infância e humanização: algumas considerações na perspectiva histórico-cultural**. Perspectiva, Florianópolis, v. 25, n. 1, 83-104, jan./jun. 2007.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e Ideologias**. RJ: Francisco Alves, 1988.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O Pequeno Príncipe**. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009.